



**UNB/UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FUP/FACULDADE UNB PLANALTINA**

YOKOWAMA ODAGUIRI ENES CABRAL

**A HISTÓRIA AMBIENTAL DO PROGRAMA DE ASSENTAMENTO DIRIGIDO DO
DISTRITO FEDERAL - PAD-DF NA ÓTICA DE HISTÓRIAS VIVIDAS POR TRÊS
MULHERES**

PLANALTINA - DF

2013

YOKOWAMA ODAGUIRI ENES CABRAL

**A HISTÓRIA AMBIENTAL DO PROGRAMA DE ASSENTAMENTO DIRIGIDO DO
DISTRITO FEDERAL - PAD-DF NA ÓTICA DE HISTÓRIAS VIVIDAS POR TRÊS
MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Gestão Ambiental, como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel em
Gestão Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Irineu Tamaio

PLANALTINA - DF

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

CABRAL, Yokowama Odaguiri Enes

A História Ambiental do Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal - PAD-DF na ótica de Histórias vividas por três mulheres/ Yokowama Odaguiri Enes Cabral. Planaltina- DF, 2013. 47 f.

Monografia- Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental.

Orientador: Irineu Tamaio

1. História Ambiental 2. Cerrado 3. PAD/DF 4. Sertão 5. Mulheres. I. CABRAL, Yokowama Odaguiri Enes. II. Título

**A HISTÓRIA AMBIENTAL DO PROGRAMA DE ASSENTAMENTO DIRIGIDO DO
DISTRITO FEDERAL - PAD-DF NA ÓTICA DE HISTÓRIAS VIVIDAS POR TRÊS
MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Gestão Ambiental, como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel em
Gestão Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Irineu Tamoio

Banca Examinadora:

Planaltina-DF, 12 de dezembro de 2013.

Prof. Dr. Irineu Tamaio
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Tamiel Khan Baiocchi Jacobson
Universidade de Brasília

Prof^ª. Dra Regina Coelly Fernandes Saraiva
Universidade de Brasília

PLANALTINA, DF

2013

Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.

Cada dia que amanhece assemelha-se a uma página em branco, na qual gravamos os nossos pensamentos, ações e atitudes. Na essência, cada dia é a preparação de nosso próprio amanhã.

(Chico Xavier)

RESUMO

O Cerrado do Distrito Federal vem sendo degradado de forma acelerada e um dos fatores mais relevantes é o uso da terra para a agricultura moderna. Um exemplo disso é o Programa de assentamento Dirigido - PAD/DF, que começou a ser executado em 1977 com o objetivo de incorporar as terras, ditas inexploradas, ao processo produtivo e está localizado na porção leste do DF com uma área de aproximadamente 61.000 hectares. O presente trabalho visa problematizar as transformações ocorridas no Cerrado do Distrito Federal com a chegada do PAD/DF, sob a ótica de três mulheres que participaram do processo de implantação do programa. Esta pesquisa se referencia na História Ambiental como campo teórico para a análise das narrativas das mulheres e no conceito de “Sertão- Cerrado” que vai além da descrição de uma vegetação. O relato filmado e gravado de três mulheres que hoje habitam a região e que acompanharam ativamente as mudanças que ocorreram, e ainda ocorrem, na localidade, proporcionou reconstruir e registrar as histórias, da região, além de contribuir para o entendimento de como se deu o processo social, ambiental e cultural, que envolveram moradores locais e migrantes na construção do programa de assentamento. Os resultados mostraram que o uso das terras para a agricultura intensiva, contribuiu para a mudança ambiental, tendo como consequência a modificação da paisagem do Cerrado e a perda da biodiversidade que ocorreu com a retirada da vegetação nativa. Tais mudanças ambientais que ocorreram no PAD/DF afetaram a vida e a história de pessoas causando uma perda cultural e a desestruturação das relações socioambientais da localidade e aponta a importância da memória das mulheres entrevistadas na construção da História Ambiental do PAD/DF e que as mesmas possuem uma relação com o “Sertão – Cerrado”. A História ambiental do PAD/DF não pode ser restrita aos indicadores de sucesso produtivo. É preciso considerar a trajetória dos povos que ali habitavam antes do empreendimento e as relações culturais e socioambientais de cada grupo.

Palavras-chave: História Ambiental, Cerrado, PAD-DF, Sertão, Mulheres.

ABSTRACT

The Cerrado of DF is being degraded at an accelerated way and one of the most important factors is the use of land for agriculture. An example of this is the settlement Directed Program - PAD / DF, which was implemented in 1977 with the aim of incorporating the land, said, unexplored to the production process and it is located in the eastern portion of the District with an area of approximately 61,000 hectares. This paper reports the changes of Federal District's Cerrado with the arrival of the first DF Settlement Program Headed, from the perspective of three women who participated in the implementation of the settlement program process for construction of environmental history of the region. Environmental History as historiographical field theory to the analysis of narratives of women and the concept of "Sertão-Cerrado" that goes beyond the description of vegetation. The filmed and recorded report of three women who today inhabit the region and actively monitored the changes that have occurred, and still occur in the locality, provided reconstruct and record the stories of the region, as well as help understanding how was the process social, economic, environmental and cultural, involving local residents and migrants in the construction of the settlement program. The survey found that the use of land for intensive agriculture contributes to environmental change, resulting in the modification of the landscape and the Cerrado biodiversity loss DF and environmental changes that have occurred in the region affected people life and history causing a cultural loss and disruption of socio-environmental relations of the locality. The result indicates the importance of the memory of the women interviewed in the settlement environmental history construction and that they have a relationship with "Sertão-Cerrado". Environmental History of PAD / DF can not be restricted to productive success indicators. One must consider the trajectory of people who lived there before the development and cultural and environmental relationships of each group.

Key-Words: Enviromental History, Cerrado, PAD-DF, Sertão, Women.

Lista de abreviaturas e siglas

CAESB – Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal

CEASA – Central de Abastecimento

COOPA – Cooperativa do Programa de Assentamento Dirigido

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

DF – Distrito Federal

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

GDF – Governo do Distrito Federal

GO – Goiás

PAD – Programa de Assentamento Dirigido

SEDUMA – Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1) PASSOS DA PESQUISA	14
1.1 Campo Metodológico	14
1.1.1 Coleta de dados primários	15
1.1.2 Entrevista.....	15
1.2 Campo teórico	16
2) HISTÓRICO DO CAMPO DE ESTUDO: PAD/DF	17
2.1 A região de estudo: Terras desapropriadas do Estado de Goiás e incorporadas ao Distrito Federal	17
2.2 Três mulheres no “Sertão-Cerrado”	20
3) O LUGAR AMBIENTAL.....	22
3.1. Um Cerrado distante	22
3.2 A Compreensão de Cerrado	25
3.3 A Chegada do Programa de Assentamento: perda da identidade	26
3.4 O processo de desapropriação: Ocupação e degradação do solo.....	29
3.5 Do sul do país ao Planalto Central	31
3.6 Em busca de um novo começo: A descoberta de um paraíso no Cerrado	32
3.7 A luta pela adaptação	33
3.8 Rupturas do cotidiano: Festas, Boiadeiros e Ciganos	34
3.9 Os papéis sociais nesse processo	36
3.10 Outra cultura no Cerrado	38
4) CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

A História e a Natureza, vistos de forma separada distanciou o homem da relação com o Meio Ambiente Natural. Na busca pelo progresso e novas tecnologias, a utilização dos recursos naturais se deu de forma desordenada. Segundo Duarte (2005), desde o século XVII, os países europeus utilizaram a madeira de forma exorbitante:

O aumento demográfico exigia mais lenha para o aquecimento e cozinha, A expansão marítima de países como Portugal, Espanha, Holanda, França e Inglaterra exigia a construção de esquadras poderosas e imponentes [...] No início do século XIX surgiram máquinas à vapor [...] as ferrovias cortariam as extensões da Europa, demandando mais e mais madeira. (DUARTE, 2005, p. 54-55)

A exploração dos recursos naturais sem precedentes gerou uma série de catástrofes relacionadas aos fenômenos naturais. Segundo Martins (2007), a interação entre a ação humana e as forças da natureza, provocam impactos sobre os ambientes e conseqüentemente “reações” no mundo natural. Foi na busca de uma resposta para a ocorrência destes fenômenos que o mundo voltou os olhos para o Meio Ambiente. Segundo Pádua (2010), a partir da década de 1970 surgiu um fenômeno sociológico, significativo, com a emergência de um “ambientalismo complexo e multisetorial” na cena política global.

Gradativamente o ambiente começou a fazer parte da História como ramo de estudo. O mundo passou a entender a necessidade de preservar a natureza para garantir a própria sobrevivência. Segundo Worster (1991), quando o mundo evoluía para um ponto de vista global, a história como “política do passado” perdeu terreno e a História Ambiental nasceu no momento de uma reforma cultural em âmbito global.

O termo História Ambiental surgiu na década de 70 com a necessidade de investigar e compreender melhor as influências do homem em relação ao meio natural e as conseqüências dessa relação. Segundo Pádua (2010), a História Ambiental começou a estruturar-se no início de 1970. Em 1972 foi ministrado o primeiro curso universitário com o título de “História Ambiental”, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, e em 1977 foi criada uma sociedade científica, a American Society for Environmental History, voltada para a investigação na área. Para Worster (1991), a História Ambiental nasceu de um objetivo moral de compromissos políticos e que foi amadurecendo e transformando-se em um empreendimento acadêmico.

Uma das características da História Ambiental é entender a interação entre homem e natureza. Segundo Martins (2007), o objetivo da História Ambiental é colocar o homem na natureza, como agente modificador da cultura, exercendo influência sobre os rumos da História e Worster (1991) vê como principal objetivo da História Ambiental a compreensão mais aprofundada de como os seres humanos, através dos tempos, afetaram e foram afetados pelo seu ambiente natural e seus resultados.

Com a História Ambiental o fator economia passou a dividir espaço com o fator social, cultural e ambiental. O surgimento desta novidade se difundiu com debates em nível global e com ações públicas que levaram os Governantes a criarem políticas voltadas para o Meio Ambiente. Sobre a globalização com o crescimento da produção, Pádua (2010) cita:

“O avanço da chamada globalização, com o crescimento qualitativo da produção científico-tecnológica e da velocidade dos meios de comunicação, catalisou uma explosão de temas da vida e do ambiente na agenda política.” (PÁDUA, 2010, p.82)

Os historiadores entenderam que para construir a História Ambiental se faz necessário uma interação multidisciplinar. Segundo Martins (2007), faz-se necessário um diálogo sistemático com quase todas as ciências naturais, para um entendimento dos quadros físicos e ecológico das regiões estudadas e de muitas outras áreas mais distantes.

Na História Ambiental o homem não deve ser visto unicamente como uma espécie única e isolada, ocupando um determinado espaço na natureza, mas, como ser social, formador de opiniões, com seus costumes e tradições e suas relações sociais, culturais, econômicas e ambientais interagindo com meio natural e participando das transformações ocorridas numa determinada área. Segundo Martins (2007), a História Ambiental inscreve em nós uma consciência ecológica quando compõe um painel de interações entre a sociedade e seu espaço físico.

Para a construção de uma História Ambiental, a investigação teórica e prática devem estar aliadas e para isso é necessário o estudo de campo, pois a construção de uma paisagem local, vista como um todo, já é capaz de descrever uma história a partir das influências sofridas pelas ações naturais e antrópicas. Bertran (2000), fala da importância das pesquisas de campo na percepção de como a presença da história humana e as transformações sociais convergem para a busca de teorizações e constituições de paisagens naturais.

Em relação à História Ambiental do Cerrado, mais especificamente, do Distrito Federal, as mudanças na paisagem ocorreram a partir da vinda da capital do Brasil para o Planalto Central. Sobre as modificações que ocorreram no Cerrado Goiano, Saraiva (REVISTA UNB, 2001 *apud* SARAIVA, 2004) cita:

Os dados relativos à área de cerrado que envolve o Distrito Federal dão conta das modificações ambientais na região. Entre 1958 e 1998, mais da metade da vegetação original de Brasília (57,65%) havia sido perdida, em função da expansão urbana e da ocupação agrícola desordenada. Dois momentos foram cruciais na definição desses dados: os processos de ocupação da década de 70 e sua intensificação no final da década de 80. Em 1954, do total da área do DF, 37,84% era cerrado. Após a fundação de Brasília, esses índices caíram de forma abrupta: 1964 (34,18%), 1973 (30,39%), 1984 (18,11%), 1994 (17,29%) e em 1998, apenas 9,9%. A intensificação do processo de ocupação foi o fator principal e evidente para se chegar a esses dados, além de ter contribuído para o desaparecimento de cerca de 600 espécies nativas. (SARAIVA, 2004, p. 83)

Por meio deste relato, percebemos que as modificações ambientais da região se devem à expansão urbana e agrícola. No Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal - PAD/DF a atividade agrícola foi o grande diferencial para a mudança da fitofisionomia do Cerrado.

No Cerrado do Distrito Federal encontra-se uma grande biodiversidade e as plantas encontradas, em sua maioria, são utilizadas na medicina popular, na alimentação, na ornamentação, no artesanato e até mesmo na indústria. A utilização das plantas e frutos do Cerrado é necessária para compor a renda e complementar a alimentação de algumas famílias que residem em áreas rurais, porém é necessário educar a população para que o uso das riquezas naturais não interfira na forma de reprodução das espécies (SEDUMA, 2007).

Apesar das perdas, da vegetação, sofridas pela ocupação urbana e agrícola, no Cerrado, ainda há uma diversidade de espécies da biodiversidade local, que deve ser preservada, enquanto que as perdas culturais e socioambientais do “Sertão-Cerrado” devem ser repensadas. Para Bertran (2000), seria melhor se o Distrito Federal fosse preservado como área ambiental, pois seria um excelente negócio futuro para atrair os turistas ecológicos.

Na região do PAD/DF, restam 15% da vegetação nativa, segundo os dados da Emater-PAD/DF, e correm risco de acabar, por causa da ocupação irregular do solo. As matas ciliares que ainda existem estão protegidas pelo Código Florestal, porém, as águas estão comprometidas pelo uso de agrotóxico nas lavouras. Em 2013, o Governo do Distrito Federal tem incentivado programas, como o “Programa de Sustentabilidade”, criado em 2013, para

ações mais sustentáveis, com o intuito de melhorar e/ou manter a biodiversidade do Distrito Federal e Entorno, bem como a do próprio PAD/DF. Para que esses programas possam se efetivar é necessário compreender a ação humana na natureza e abordar as formas de degradação que ocorrem na região. Segundo Castro e Abramovay (2005, p. 36) não há como abordar o meio ambiente pensando em um desenvolvimento sustentável, sem fazer referências a fatores relacionados a uma degradação ambiental dos ecossistemas em geral.

O objetivo deste trabalho é fazer a leitura das compreensões de personagens, que ajudaram na construção histórica, física, estrutural e ambiental de uma região que hoje é considerada, pela visão hegemônica da agricultura moderna, modelo de desenvolvimento econômico. O recorte social e geográfico da pesquisa é o PAD/DF, implantado em 1977 e localizado na porção leste do DF, com uma área de aproximadamente 61.000 hectares (COOPA-DF, 2013). Esse assentamento rural representa um modelo de concessão de uso da terra promovido pela Secretaria de Agricultura do Distrito Federal, e teve como objetivo incorporar as terras ditas inexploradas, do Bioma Cerrado - DF, ao processo produtivo. Atualmente, o local é considerado referência em tecnologia, e um exemplo de sucesso na distribuição da terra para a produção intensiva e mecanizada (COOPA-DF, 2013; GUESTHI, 2011).

As terras foram desapropriadas do Estado de Goiás (GO) e transferidas para o Distrito Federal (DF) para a implantação de um programa de assentamento. Se pela abordagem econômica e produtivista é visto como um exemplo de sucesso, ambientalmente não se pode dizer a mesma coisa, pois, ocorreu uma conversão da vegetação nativa para áreas de plantios e pastagens, e no âmbito socioambiental, rompeu de forma violenta a vida dos pequenos sertanejos que habitavam aquela região e que não foram consultados e informados da decisão que iria mudar suas vidas. Na leitura de Aragão (1994), a ação do governo pode ser tomada de atitudes incompreensíveis.

Muitas vezes, de forma abrupta, a ação ordenadora do poder central, através de seus representantes-delegados, provocou a dissolução das estruturas que fundamentavam uma visão de mundo própria e onde as grandes transformações havidas na agricultura e na indústria, no País, repercutiam neste Sertão de forma tênue, mais como noticiários de jornais do que propriamente como uma inevitabilidade inscrita nos destinos da região (ARAGÃO, 1994, p. 172)

Para os sertanejos que habitavam o território do PAD/DF, essa dissolução das visões de mundo próprio foi afetada com a implantação do assentamento dirigido. Com a chegada do

programa, em 1977, ocorreu uma transformação na paisagem local, com a conversão da fitofisionomia, e uma desestruturação na vida dos sertanejos que já habitavam a região.

Para a construção de uma História, faz-se necessário a coleta de dados que em alguns casos se encontram arquivados na memória e que se não forem compartilhadas, serão perdidos. Para o desenvolvimento, da pesquisa, recorreu-se à vivência de três mulheres - Dona Selma, 67 anos, nascida na região em 1946 e que foi retirada do local onde morava, para que o programa fosse executado; Dona Marilena, 72 anos, uma migrante gaúcha, que veio de Espumoso/ RS, nascida em 1941 e que foi beneficiada com uma área, aproximada, de 250 hectares e Dona Conceição, 71 anos, uma migrante mineira de Caminhos do Indaiá/ MG, nascida em 1942 e que comprou uma fazenda na região para morar - que é o foco do estudo, que relata, de forma individualizada, experiências que fizeram parte da História Ambiental do PAD-DF, buscando a relação com o Cerrado e as transformações ocorridas no Bioma. Segundo Saraiva (2004), quando se trata de Cerrado, temos uma descrição física da vegetação, ao contrário do Sertão, que incorpora também o socioambiental. Esta pesquisa se referencia no conceito de “Sertão-Cerrado” que vai além da descrição de uma vegetação. É esse conceito que Saraiva (2004), cita:

É o “sertão-cerrado”, que marca o encontro da cultura (sertão) com o espaço, a paisagem e a natureza do Cerrado (que também é a “natureza do sertão”). No “Sertão-Cerrado” a paisagem não é só física e geográfica, é ao mesmo tempo, paisagem cultural. Uma paisagem cultural relacionada à realidade com a sua representação (SARAIVA, 2004, p.81)

As lembranças resgatadas e relatadas, por essas mulheres, são compartilhadas com a vivência de outras pessoas que passaram pelo mesmo processo de readaptação ao meio ambiente, com mudanças na vida individual, familiar, regional, social e econômica. Para Aragão (1994), o Cerrado foi uma região que mais sofreu transformações nas técnicas produtivas e no próprio modo de vida.

Essas mudanças atingiram a área do PAD/DF no espaço socioambiental, assim, essa pesquisa busca problematizar a ocupação e o impacto no ambiente e na cultura local.

1) PASSOS DA PESQUISA

O trabalho conta a História relatada por três mulheres que hoje habitam a região e que acompanharam ativamente as mudanças que ocorreram, e ainda ocorrem, na localidade. Por meio de entrevistas gravadas e filmadas, foi possível reconstruir e registrar estas histórias individuais que permanecem em suas memórias, e que por vontade própria, foram contadas, para o trabalho de pesquisa. As Histórias possibilitaram compreender as relações sociais, econômicas, ambientais e culturais, que envolveram moradores locais e migrantes para a construção do assentamento no “Sertão-Cerrado”, suas relações pessoais e familiares bem como as relações com o Governo. Segundo Saraiva (2004), “Sertão-Cerrado” se refere a:

Todo olhar humano, desde as interferências físicas ou simbólicas, em relação ao mundo natural, configuram sua atuação na construção de uma paisagem cultural [...] Espaço, paisagem e cultura estão intimamente relacionados e são permeados por sentidos e significados. (SARAIVA, 2004, p.81- 82).

As interferências ocorridas na região configuraram a atuação na construção da paisagem local, com mudanças ambientais, caracterizada pela conversão da vegetação nativa, sociais, com o rompimento das relações que se formaram com decorrer do tempo, e culturais com a retirada, principalmente, de pontos de referência físico-sentimental.

1.1 Campo Metodológico

No âmbito metodológico, essa pesquisa pode ser reconhecida como no campo das abordagens qualitativas. O princípio básico do estudo de caso é que, para uma compreensão mais completa do objetivo, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa. Estes estudos “buscam retratar a realidade de forma completa e profunda, usam uma variedade de fonte de informações procuram representar os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes em uma situação social ou de aprendizado” (LUDKE e ANDRÉ, 1995, p. 20).

O trabalho tem uma abordagem direta, onde os seus dados são coletados a partir de interações e descrições de pessoas e lugares, além do contato direto com a área de estudo, com o intuito de compreender os fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. (GODOY, 1995)

A pesquisa utilizou entrevistas gravadas de três mulheres: Dona Selma Pereira dos Santos, Dona Marilena Terezinha Bonato e Dona Conceição de Araújo Fernandes que vivenciaram todo o processo de construção da História Ambiental do PAD/DF. O critério utilizado, na escolha, foi o maior tempo de envolvimento na História da região, tanto dos colonizadores como dos moradores tradicionais. Foram escolhidas três mulheres, primeiro porque cada uma delas participa de um grupo, distinto, que forma o PAD/DF e segundo porque dentre um universo de entrevistas, as três apresentaram uma preocupação com os filhos, fato que as motivou na reconstrução de suas vidas com a implantação do programa de assentamento. A metodologia que mais se aplica ao trabalho de pesquisa é o Estudo de Caso e foi realizada em duas etapas:

1.1.1 Coleta de dados primários

Refere-se como o levantamento, leitura e análise de textos e documentos oficiais ou não, referentes ao processo de implantação do PAD/DF, ocorrido nos anos de 1970. Essa parte foi relevante na elaboração do trabalho, pois representa dados sobre o papel e a concepção do Estado como indutor desse modelo de assentamento rural, e o impacto no ambiente e na sociedade local.

1.1.2 Entrevista

No segundo momento foi utilizado o método de entrevistas semiestruturadas para coletar as compreensões de três mulheres representantes de três grupos sociais: Dona Selma, 67 anos, nascida na região em 1946 e que foi retirada do local onde morava, para que o programa fosse executado; Dona Marilena, 72 anos, uma migrante gaúcha, que veio de Espumoso – RS, nascida em 1941 e que foi beneficiada com uma área, aproximada, de 250 ha e Dona Conceição, 71 anos, uma migrante mineira de Caminhos do Indaiá – MG, nascida em 1942 e que comprou uma fazenda na região para morar.

Optou-se por estas três mulheres devido a cada uma representar um grupo distinto, que forma a população do PAD-DF: O primeiro grupo, em que se enquadra a Dona Selma, é formado pelos sertanejos que praticam a agricultura familiar e que ocupavam as áreas antes da criação do PAD/DF, estes foram desapropriados e assentados em lotes médios de 7 hectares. O segundo grupo, em que se enquadra a Dona Marilena, é formado pelo contingente de

migrantes, na maioria, gaúchos, que foram assentados em lotes de aproximadamente 250 hectares, onde desenvolvem agricultura intensiva, com tecnologia de ponta, e que representam o grupo hegemônico. Já Dona Conceição, se enquadra no terceiro grupo, formado por pequenos agricultores e trabalhadores rurais, que ocuparam chácaras de 2 hectares, e pequenas fazendas, na região da antiga fazenda Santo Antônio/Café Sem Troco e Quebrada dos Neres.

Por fazerem parte de grupos diferentes, a visão de cada mulher em relação ao meio ambiente e as mudanças ocorridas na região, se forma a partir do relacionamento e convívio dentro do grupo social a que pertencem.

Dona Selma escolheu ser entrevistada no quintal de sua casa, sentada em um banco de tábua, embaixo de um pé de manga. Para ela, é no quintal, que se sente mais à vontade para receber gente. A entrevista foi gravada em março de 2013, e durou aproximadamente 4h.

Dona Marilena escolheu ser entrevistada na sala de sua casa, que segundo ela, sente orgulho de ter construído depois de viver por um ano, de sofrimento, num barraco. A entrevista foi gravada em junho de 2013, e durou aproximadamente 1h30.

Dona Conceição escolheu ser entrevistada na cozinha de sua casa, costume antigo, e que com um sorriso no rosto, diz que é o melhor lugar da casa pra receber visita. A entrevista foi gravada em maio de 2013, e durou aproximadamente 2h.

Cabe dizer que as personagens serão identificadas, por terem concordado com a finalidade da pesquisa e autorizado, formalmente, a divulgação de seus depoimentos. Os depoimentos utilizados para compor o texto foram editados e corrigidos, sem, no entanto, desfigurar seu sentido.

1.2 Campo teórico

A pesquisa tem como referência a História Ambiental como campo teórico historiográfico para a análise das narrações de três sujeitos históricos. Esses sujeitos, aqui analisados, representam a vivência e experiência de três mulheres que atualmente habitam a região e que acompanharam todo o processo da implantação do programa de assentamento e das mudanças socioambientais ocorridas naquele “Sertão-Cerrado”.

2) HISTÓRICO DO CAMPO DE ESTUDO: PAD/DF

2.1 A região de estudo: Terras desapropriadas do Estado de Goiás e incorporadas ao Distrito Federal

Aqui, é apresentada uma descrição da região antes da implantação do Programa de Assentamento (Diário Oficial do Distrito Federal, Ano 1 – n 10 de 14 de janeiro de 1977) e depois com as atuais características do PAD/DF (Arquivos da EMATER – DF), para um entendimento das mudanças que ocorreram com as modificações físicas, espaciais e culturais.

De acordo com o Decreto n 3.551 de janeiro de 1977, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal, foi desapropriado uma área de 12.633 alqueires, correspondentes a dez fazendas, a saber: Fazenda Manga ou Estiva, Fazenda Poço Claro ou Lamarão, Fazenda Riacho Frio, Fazenda Jardim, Fazenda Retiro ou Epavina, Fazenda Quebrada dos Neres, Fazenda Buriti Vermelho, Fazenda Santo Antônio ou Santo Antônio dos Guimarães, Fazenda Barra Alta e Fazenda Várzeas.

A região desapropriada era constituída por fazendas, bem como toda região onde foi construída a capital do País. Segundo Aragão (1994), na divisa de duas fazendas foi construído o Plano Piloto de Brasília, lugar descrito por desbravadores, dentre eles, o naturalista austríaco João Emanuel Pohl que atravessou este Sertão entre 1818 e 1821, como campos cerrados de passável qualidade. Para o autor, os campos do Cerrado eram vistos com desprezo, não serviam para a agricultura e suportavam poucas cabeças de gado.

Aragão (1994) cita:

O valor mesmo dos campos era como reserva de brotação, após a queimada, onde se colocava o gado a partir de setembro [...] os grandes campos, as “largas”, tornavam-se muitas vezes sem interesse comercial e, portanto, deixados para uso comum, indiscriminado, sem cercas e sem marco da propriedade (ARAGÃO, 1994, p. 181).

Segundo Saraiva (2004), com a grande transformação que ocorreu no Cerrado, na década de 70, com a agricultura de grãos, especificamente de soja, o Cerrado passou a ser identificado como “celeiro do Brasil”.

Decorridos 36 anos, segundo os dados da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural- EMATER/DF, o PAD/DF possui as seguintes características:

Situação fundiária composta por arrendamento ou concessão de uso, junto ao Governo do Distrito Federal - GDF, e de escritura definitiva e posse. Em relação à área ocupada, a maior parte é arrendamento ou concessão de uso do GDF (70%), seguido pela posse (20%) e por escritura definitiva (10%). Em relação ao número de propriedades, a situação é diferente: são quatrocentos e seis posses, cento e setenta e quatro arrendamentos e doze escrituras definitivas.

Na região reside uma população, estimada, de cinco mil e duzentas pessoas. A população experimentou um crescimento acentuado a partir de 1995 e 1996, em função da ocupação das chácaras na região conhecida como Santo Antônio/Café Sem Troco e Quebrada dos Neres, e outro “boom” a partir de 2010, com o parcelamento das chácaras em lotes urbanos, menores que 500 m².

A atividade econômica mais importante é a agricultura de sequeiro (sem irrigação), principalmente as culturas de milho, feijão e soja, que ocupam uma área de 15.000 hectares, seguida pela agricultura irrigada, que ocupa uma área de 4.600 hectares, com as culturas de feijão, milho, trigo, alho, cebola e cenoura. Destaca-se também a pecuária, com 9.900 cabeças de gado bovino, principalmente gado misto, que ocupa uma área de 6.800 hectares de pastagens formadas e 2.800 hectares de pastagem nativa. Outra atividade importante, principalmente do ponto de vista da geração de empregos e manutenção das propriedades com agricultura familiar é a horticultura, com irrigação por gotejamento, que envolve 46 produtores. Merece ainda destaque a suinocultura que conta com 4.500 matrizes alojadas e é grande consumidora de milho para ração e uma granja multiplicadora de matrizes.

A agricultura orgânica é uma importante alternativa de produção, menos agressiva ao meio ambiente, com maior sustentabilidade, e na região, está localizada a maior produtora de produtos orgânicos do DF cultivando hortaliças, gado leiteiro, frango e suínos. Hoje já existe outra propriedade de cultivo orgânico, também no ramo da horticultura, e outra de produção de leite, em transição.

O grande número de cisternas desprotegidas e fossas negras ocasionam um alto índice de doenças em crianças e adultos. A comunidade do Lamarão é abastecida por água da CAESB, e conta com um canal para irrigação, que frequentemente apresenta problemas de manutenção, uma vez que parte passa por propriedades com criação de bovinos, que danificam o canal.

Próximo à cooperativa funciona um importante centro cultural, que é o Centro de Tradições Gaúchas - CTG, que conta com salão para eventos. Junto à sede da cooperativa existe uma vila, dividida em duas partes, sendo uma ocupada por funcionários e outra ocupada por fazendeiros associados à cooperativa.

A partir de 2013, está em andamento um projeto na área esportiva (basquetebol), e tem como foco unir o urbano e o rural como fator principal de inclusão social e o público alvo são estudantes entre 5 e 18 anos. Além de uma oficina de Leitura, realizada nas escolas do Cariru, Capão Seco, Lamarão e Café Sem Troco. (EMATER-DF, 2013)

Ocorreram modificações físicas e espaciais na região, com mudanças no ecossistema, e modificações estruturais do ponto de vista econômico e social. Grande parte da vegetação nativa do Cerrado foi retirada para a agricultura e pastagens. Foram preservadas pequenas áreas de mata ciliar e nascentes. A forma de cultivo da terra, plantio e criação de animais, praticados antes da chegada do programa, está preservada apenas na memória de alguns moradores locais que foram realocados para pequenas chácaras e para alguns lotes. O modo de vida e de trabalho dos sertanejos, hoje, é condizente com a facilidade proporcionada pela modernidade.

Segundo Saraiva (2004), as mudanças ocorridas no ecossistema, contribuíram para a perda do saber, usos e costumes populares que dizem respeito ao “Sertão-Cerrado” e passa a ser caracterizado como o Cerrado moderno com uma agricultura desenvolvida e mecanizada. A experiência do programa de assentamento revela essa convenção apontada pela autora.

Essas mudanças que ocorreram no Cerrado do Distrito Federal, mais especificamente na região do PAD/DF, estão presentes na memória histórica de três mulheres.

Para Dona Selma, antiga moradora, que viveu sua infância e parte de sua adolescência dentro das matas do Cerrado, comendo frutos que encontrava e fazendo fogueiras para espantar os lobos-guará, da noite para o dia, já não conseguia reconhecer o seu “quintal”. Teve a sensação de ter mudado de lugar sem nunca ter ido a lugar nenhum. Onde estavam as árvores, com frutos que muitas vezes matou a sua fome? Onde estavam os lobos que apesar de assustá-la, eram seus companheiros de morada? Tudo desapareceu tão rápido, como quando se acorda de um sonho.

Dona Conceição, migrante mineira, entende que a expansão da agropecuária na região, significou um grande impacto sobre o meio ambiente. Ficou perplexa quando chegou à região

e não avistou nem um pé de árvore, onde havia gaúchos. Conhecia o Cerrado, mas não aquele Cerrado sem plantas e sem bichos.

Já para Dona Marilena, migrante gaúcha, o Cerrado que conheceu e que pertence à sua propriedade representa apenas um pedacinho de vegetação verde naquele imenso campo de grãos. O primeiro contato que teve com o Cerrado, foi quando veio do Sul do País para o Planalto Central. Deparou-se com uma visão que a encantou, apesar do clima quente e seco, avistou árvores tortas e floridas.

2.2 Três mulheres no “Sertão-Cerrado”

As mulheres que são o objeto desse trabalho possuem uma trajetória de relação com o território. Dona Selma Pereira dos Santos, 67 anos, nasceu na região do PAD/DF no dia 17/08/1946, é analfabeta, mãe solteira de sete filhos, sempre trabalhou nas terras de fazendeiros locais e se sentiu expulsa de onde morava, com a chegada do Programa de Assentamento. Conseguiu, com muita determinação, uma propriedade de 7 hectares, uma concessão de uso, dada pelo Governo do DF, lugar de onde tira o sustento. Os filhos estão todos casados, um dos filhos mora em uma chácara perto da dela, na mesma comunidade do Lamarão há 8 anos. Um filho mora na comunidade do Capão Seco, outro mora em Planaltina e é corretor de imóveis. A filha mora em Unai - MG, e os outros dois moram com ela e trabalham plantando hortaliças que comercializam em feiras e na Central de Abastecimento - CEASA do DF. Dona Selma tem 16 netos e não precisa mais “pegar no cabo da enxada”, ela é revendedora de cosméticos. Trabalha para ter seu “dinheirinho” e gastar com suas necessidades pessoais.

Dona Marilena Terezinha Bonato, 72 anos, nasceu em Tapera-RS no dia 20/05/1941, casada e mãe de quatro filhos. Estudou até o nível fundamental. Ganhou um módulo de terra para produzir grãos. Sempre cuidou da casa e da educação dos filhos, além de ajudar no cultivo da terra, arando, plantando e colhendo. Desde a juventude foi católica e sempre participou de eventos religiosos. Quando chegou ao PAD/DF, o filho mais velho estava cursando o nível médio e o mais novo tinha seis anos. Todos os filhos completaram formação superior. Dona Marilena e o marido compraram terras em Minas Gerais, próximas ao DF, para cada filho morar e cultivar. Hoje eles plantam trigo e feijão. Os filhos estão casados, constituíram família, e sempre se reúnem na casa da Dona Marilena para almoçar. Dona Marilena faz parte de um grupo de mulheres “Mulheres de Gaia”, que trabalham com a fibra

da bananeira, produzem artesanato a partir da folha e das fibras, fazem sacolas recicláveis e bolsas de tecido. O grupo está se mobilizando para conseguir uma sala onde pretendem ensinar as mulheres da região.

Dona Conceição de Araújo Fernandes, 71 anos, nasceu em Caminhos do Indaiá - MG em 1942. Estudou até o nível fundamental incompleto. Chegou à Brasília e montou um restaurante, onde trabalhava. Comprou uma chácara na região e com o tempo vendeu a chácara e comprou a fazenda onde atualmente mora. Ficou morando em Brasília para que os filhos estudassem. Quando os filhos já estavam casados, foi morar definitivamente com o marido na fazenda. Quando chegou à região, montou uma associação e buscou melhoria para os moradores locais. Com a morte do marido, decidiu continuar na fazenda, apesar de os filhos serem contra isso. Criou um amor profundo pelo Cerrado, só indo à Brasília quando adoentada. Protege o lugar da ação de pessoas que adentram as matas da fazenda para destruir a vegetação e matar os animais.

Dona Selma relata que, da noite para o dia, viu máquinas invadirem o Cerrado, puxando correntes e arrancando toda a vegetação do lugar. Arrancou pela raiz a história de muitas vidas, destruindo crenças e costumes. Retirou pontos de referência reais, como um pé de árvore ou um morrinho, e referências simbólicas, que ajudaram na construção de uma cultura, de uma tradição e de uma relação social. Segundo Saraiva (2012), os lugares como pontos de referência, reforçam a coesão social e fomentam as identidades coletivas.

Sobre a ação do governo, cita Aragão (1994):

A descida nestes ermos do Planalto Central dos primeiros administradores, aqui chegados como todo-poderosos representantes do Estado, como que colocara sob sentença as velhas crenças e costumes, e deram-se conta disto os mais atentos, dentre esses antigos homens do Sertão. (ARAGÃO, 1994, p. 172).

De acordo com o relato, o governo sempre age com superioridade e como todo-poderoso sentenciando as crenças e costumes. Novas técnicas e tecnologias chegaram ao local com agricultores de outras regiões do país, dentre eles, Dona Marilena que deixou para trás uma vida estruturada no sul e iniciou uma nova vida em terras que lhe causava estranheza e admiração. Segundo Saraiva (2004) foi nos anos de 1940 que se iniciou a ocupação moderna no Centro-Oeste, e a partir de então, a promoção de um desenvolvimento e modernização de uma região que era concebida como atrasada e imersa num grande vazio.

As mudanças e a promessa de desenvolvimento trouxeram pessoas de outras regiões que desejavam adquirir um pedaço de terra, como é o caso da Dona Conceição, que se apaixonou pelo local e fincou raízes no “Sertão-Cerrado”.

3)O LUGAR AMBIENTAL

3.1. Um Cerrado distante

Tanto o conceito de Sertão de Leonardi (1996), e o conceito de “Sertão-Cerrado” de Saraiva (2004), postulam que são construções históricas, hegemonicamente apresentadas no imaginário nacional como um lugar isolado, atrasado e distante. Essa compreensão do “Sertão-Cerrado” como algo distante de tudo e de todos, pode ser observado nesse depoimento da Dona Selma:

Não tinha estrada pra Unaí, [...] tinha é uma estradinha de chão, bem ruinzinha, tipo um pico, [...] pra fazer tratamento, comprar remédio, uma roupa, tudo era Formosa, ia de carro de boi ou cavalo. Gastava era um dia e outro dia ainda, pousava nas estradas. Arranjava um cantinho e pousava. Brasília nós fomos conhecer mesmo, foi bem tarde, já estava bem adiantada, nós íamos é para Formosa, nem Planaltina, porque aqui antigamente era Goiás, depois virou DF. A parte de Goiás tá tão longe de nós [...] não sei como o povo antigamente arranja as coisas.

Para Leonardi (1996) o conceito de Sertão, tem a ver com a ideia de fronteira que cria uma mobilidade física e mental, é a fronteira entre o possível e o impossível. Na visão de Dona Selma, a região pertencer a Goiás ou à Brasília, não mudava nada, era o mesmo Cerrado distante, com os mesmos problemas e dificuldades e com estradinhas que davam para muitos lugares. Segundo o mesmo autor, a formação do Brasil se deu pela junção de muitos Sertões, no Distrito Federal havia importantes entroncamentos de caminhos e no local onde hoje é Brasília cruzavam as duas estradas mais importantes de toda a história da colonização brasileira. Uma delas vinha de Salvador e ia até Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso, e uma segunda que ia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro à cidade de Santa Maria do Belém do Grão-Pará.

Durante as entrevistas os relatos remetiam a um Cerrado longínquo, distante, isolado e abandonado como que separado pela fronteira do descaso.

Dona Conceição relembra o sentimento de isolamento local e descreve este sentimento no relato a seguir.

Não tinha asfalto, na época. Nem para Brasília e nem para Unaí. Era tudo tão distante que às vezes eu me perguntava o que eu e o Tonho (esposo) estávamos tendo aquela “esquisita” na roça. Os meus filhos já estavam criados e casados. Não dava para entender!

Pode-se observar no relato que tudo era distante, talvez, a falta de infraestrutura tornava o percurso do PAD/DF até as cidades de Brasília e de Unaí, ainda maior.

Para Dona Marilena, não era a falta de asfalto que a incomodava, mas a sensação de abandono pela falta de recursos. Os fatores que a preocupavam estão relatados no texto a seguir.

“Aqui não tinha nada, se precisasse de alguma coisa, um remédio, um médico, a gente não tinha. Vizinho, só tinha bem longe, porque naquela época a gente tinha que ir até a casa do vizinho, a pé.”

No depoimento da dona Marilena a falta de remédio e de médico sugerem que os fatores que representavam problemas estavam relacionados ao bem-estar da família, ela tinha uma preocupação com o que poderia acontecer, principalmente, com os filhos.

Para Dona Selma, além da distancia, da falta de médicos e remédios, os problemas envolviam a ação do governo. Dona Selma faz referência às dificuldades que enfrentou no relato à seguir.

Quando eu tirei isso daqui, isso aqui era uma mina d’água bem grande. As pessoas da época diziam que eu não ia conseguir ficar aqui, porque só tinha água e não se planta na água, só dá peixe. Aqui era um Cerradão feio. Naquela época fazia medo, não tinha vizinho, eu vivia só com meus filhos e os bichos que vinham no quintal. Se precisasse de alguma coisa, era só Deus pra socorrer. A gente só via fazendeiro grande que tinha fazenda, de vez em quando, os pequenos estavam sumidos no meio do Cerrado.

Dona Selma no trecho relatado se sente parte do grupo dos pequenos que estavam sumidos no meio do Cerrado, pois revela que não havia vizinhos.

Além da sensação de abandono e insegurança, as três mulheres compartilharam o habitat com os primeiros habitantes locais, e com a flora de onde aproveitavam os frutos do Cerrado. Segundo Aragão (1994), o pequi (*Caryocar brasiliense*; Caryocaraceae) era encontrado em abundância, além de outros frutos característicos da região, como o jatobá (*Hymenaea courbaril* L), a mangaba (*Hancornia speciosa*), o araticum (*Annona* spp), a guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*), o caju-do-campo (*Anacardium humile*), entre outros.

O contato direto e constante com a natureza criou uma relação de convívio entre as entrevistadas e o Cerrado. Essa relação com o Cerrado está presente nos depoimentos da Dona Selma, Dona Marilena e Dona Conceição.

Aqui era cerradão fechado Tinha muito bicho, muito mesmo [...] tinha onça, catitu, lobo, ema e outros bichos. Agora a gente não vê mais, lobo entrava quase dentro de casa. Os lobos chegavam ao terreiro e pegavam as galinhas. A gente tinha que fazer fogueira para afastar os lobos. Aqui era mesmo um Cerradão fechado tinha muita fruta aqui, pequizeiro, Camargo, caju, aquela pitomba do campo, gariroba, gabirobinha verdinha, muito caju, articum, bacupari, jatobá, mangaba, cagaíta. (Dona Selma)

Aqui tinha onça. Meu marido um dia foi na roça e teve que dar uma volta muito grande, ir até a casa do vizinho pra depois vir pra casa, porque a onça foi acompanhando ele, não sei se ela tinha filhote. Veado tinha muito, lobo-guará também. Conheci muitos frutos do Cerrado [...] o pequi, jatobá, o caju do Cerrado, meu marido não sabia que não podia morder a castanha, queimou o lábio, mas assim, a gente foi conhecendo os frutos do Cerrado. O pequi era o que dava mais medo, por causa dos espinhos. (Dona Marilena)

Tinha Onça grande, elas vinham pra cá e atravessavam de um lado para o outro, dentro da fazenda e a gente só ficava olhando. Tinha muitos lobos, e de todos os tamanhos, eles vinham em busca de alimento. Os veados, ainda hoje, vivem nas matas da fazenda, eles sim, são umas gracinhas. Tem dia que eu acordo e olho para o quintal e vejo os bichinhos. (Dona Conceição)

Nos trechos relatados, observa-se que as mulheres afetaram e foram afetadas, através dos tempos, pelo ambiente natural e pela biodiversidade local. O contato com a fauna e a flora, era inevitável, os animais estavam em seu habitat e é natural que se deslocassem de uma área para outra, em busca de alimentos.

3.2 A Compreensão de Cerrado

Um mesmo conceito pode ser interpretado de diferentes maneiras por pessoas ou grupos distintos, uma vez que ideias e definições não são estáticas, sofrem influência do contexto histórico, da orientação política ou das condições sociais vividas no período em questão.

A compreensão de Cerrado que Dona Marilena trouxe, era puramente o conceito de uma fitofisionomia típica do bioma Cerrado descrito em livros, ou seja, árvores tortas, de porte pequeno, com raízes profundas, com cascas duras e grossas, folhas grossas e peludas e campo com gramíneas. Uma compreensão que foi sofrendo modificações com o tempo de relação e de convívio. Passava todo seu tempo se relacionando direta ou indiretamente com aquele meio que acabou por despertar, nela, um sentimento de valorização e estima por aquele “pedaço de chão”. Ficava admirada e encantada com as árvores tortas que mesmo castigadas pelas queimadas e o tempo seco, ressurgiam carregadas de flores coloridas. Era o milagre da vida. Perceber a beleza do Cerrado motivou toda a família a continuar trabalhando dias após dias para cumprir as ordens do Governo, de plantar em tão pouco tempo uma área tão extensa, com poucos recursos e a mão-de-obra que se resumia no marido, no filho mais velho e nela. O surgimento desse sentimento de afeição pelo Cerrado é relatado a seguir por Dona Marilena.

A gente tinha que trabalhar muito, de manhã era na casa e à tarde e a noite era na lavoura. Quando nós íamos arar a área próxima às árvores, onde tem fonte, a gente podia ver os bichos do Cerrado. Muitas vezes a gente ia trabalhar e estava muito cansado, acabava se distraíndo quando via tudo seco e queimado e lá no meio, uma árvore toda cheia de flor. Que coisa linda de se ver. Aí a gente nem via o tempo passar. O Cerrado deu para nós tudo o que a gente sonhava.

Dona Marilena se refere aos Ipês, quando fala sobre as árvores cheias de flor. O Cerrado, em tempos de seca, fica colorido com o florescimento dos Ipês. É uma visão deslumbrante, pois, em meio à paisagem seca e muita das vezes queimada, surgem as árvores floridas, com várias tonalidades de cor.

A compreensão de Cerrado para a Dona Selma, apesar de que ela conhecia o lugar como Cerrado, não era o de bioma Cerrado, mas, a de um Sertão visto como um interior do Brasil, lugar distante, esquecido, sossegado, isolado e abandonado. Conhecia Formosa, cidade goiana, pois, ia com os tios, vez ou outra, ainda criança, comprar remédios e roupas, e o outro lugar que conhecia, e conhecia bem, era aquele lugar onde nascera, lugar que pensou ser

“seu”. Conhecía cada cantinho do mato, andava, corria e brincava em meio às árvores. Aquela paisagem não fazia parte do Cerrado, fazia parte do seu mundo, era seu brinquedo, lugar onde se distraía. Eram momentos de fuga para uma criança que apesar de tão nova, já aprendera a “labuta” para tirar o sustento da terra. Segundo Dona Selma, “O Cerrado era bem desleixadinho (abandonado), quietinho, sem barulho, sem movimento, não se via nada, era sossegado.” A quietude, o silêncio e o sossego, quase sempre, são características de lugares mais distantes dos centros urbanos.

Para Dona Conceição o Cerrado representa vida. Riqueza de espécies. Vai além do bioma Cerrado, é “Sertão-Cerrado” cheio de sentimento e paixão. Não só aprendeu a viver e conviver com o Cerrado como também a preservá-lo e protegê-lo. Não permite a entrada das crianças com estilingues, em suas terras, e as educa para que se desfaçam desta prática. No quintal, tem um pedaço de área com alguns pés de buriti e no tempo em que os cachos estão carregados de frutos, passa por lá, apesar de o terreno estar alagadiço, só para ter a certeza de que os frutos estão roídos, aí fica feliz, porque é a constatação da presença da fauna que se alimenta dos frutos. Das bananeiras, não retira todos os cachos para que os micos que habitam as florestas possam se alimentar das bananas que amadurecem. Dona Conceição relata como se relaciona no dia a dia com a flora e a fauna do Cerrado da sua fazenda, no texto a seguir.

Não gosto de tirar os frutos de buriti porque os bichos se alimentam aqui, tem araras, micos e roedores que comem os buritis que caem. Por isso não deixo as crianças entrarem na fazenda com estilingues, não gosto que mata passarinho. Não gosto que mata bicho nenhum, porque eles também têm o direito de viver e se a gente matar eles, logo não vai mais existir bicho do Cerrado, é o que falo para as crianças.

No relato, impedir que as crianças entrem na fazenda com estilingues, e se matar os animais eles não vão mais existir, representa uma ação de sensibilização ambiental.

3.3 A Chegada do Programa de Assentamento: perda da identidade

Com a chegada do programa o impacto causado, ficou gravado na memória dos sertanejos. Dona Selma relata o impacto do início da implantação do PAD/DF, onde ela presenciou a ruptura de sua vida, de sua cultura, de seus hábitos, da relação íntima que ela criou com aquele lugar, da própria identidade do “Sertão-Cerrado”. Para Leonardi (1996), foi no Sertão distante e isolado que nasceu parte da cultura brasileira, em suas diferentes expressões, não apenas as instituições culturais, como a arte, e sim, uma cultura íntima que

nasce no seio da família pela proximidade com o mundo natural, e das relações de amizade. Para os sertanejos, a chegada do programa representou o fim do mundo. A surpresa do inesperado é descrito por Dona Selma no trecho que se segue.

Um dia nós acordamos e vimos umas máquinas grandes que derrubavam tudo, mato pequeno e pé de árvore grande, nós nunca vimos uma máquina, eles arrancavam tudo com muita rapidez, iam tombando as árvores, uma atrás da outra. Para nós aquele era o dia do fim do mundo. Nós sabíamos que o mundo iria acabar, não sabíamos como, só sabíamos que ia acabar. Por que os mais velhos falavam que o mundo ia acabar. Então, no desespero nós fugimos pra dentro do mato e assustados ficamos esperando pra ver como ia ser o fim do mundo. Não dava para pensar. Só tínhamos uma certeza, nós íamos morrer, morrer tudinho.

No relato é possível observar que quando Dona Selma se refere ao que foi dito pelos mais velhos, em suas lembranças, quando era apenas uma criança. Este comentário ou História sobre o fim do mundo foi o que motivou a reação de desespero diante do inesperado, pois, ver as árvores e toda a vegetação ser arrancada pela raiz, é presenciar a destruição. Dona Selma viu o seu mundo sumir diante de seus olhos.

Dona Selma sentiu como se desmoronasse seu porto seguro, seu “quintal” onde recebia parentes e amigos para prostrar, Sertão de quietude, distante, isolado, expressão de calma e sossego, Cerrado sem cercas e sem divisas, para Leonardi (1996) o isolamento não gera, apenas, atos despóticos, mas, também, hábitos generosos, de hospitalidade.

Depois de constatar que o mundo não havia acabado, pois ainda estava viva, mudou-se para outro local, próximo, onde foi trabalhar nas terras de fazendeiros como meeira. Sobre este sistema de trabalhar nas terras, Aragão (1994) cita os problemas de estrutura que definem a perspectiva da ocupação do Cerrado, como o arrendamento, que por um lado, é visto como a liberdade, o fenômeno do acesso a terra daqueles que seriam meeiros de particulares.

O medo se misturava à curiosidade de saber o que estava acontecendo e conhecer o que eram aquelas “engenhocas” que “limpava” em menos de uma hora, o que levaria dias para ser “limpo”, com o uso da enxada. Curiosidade que fazia com que os sertanejos ficassem espreitando, de longe, os trabalhadores do Governo. Os fatos que despertaram a curiosidade da Dona Selma, são relatados a seguir.

Aí nós estávamos plantando pra lá. Quando nós estávamos voltando, tinha aquele mundo de barraca já montada, na estrada. Nós ficamos com medo porque não sabíamos que ia chega gente, nem visita, nem nada, nós ficamos curiosos, mas com muito medo, era tudo diferente, tinha máquinas paradas, e muitos homens

trabalhadores, mas não eram trabalhadores como nós da região. A gente ficava pensando, o que é isso? E ficava olhando pra vê como fazia para funcionar as máquinas. Nós tínhamos muito medo, mas nós tínhamos curiosidade de saber o que estava acontecendo.

É possível perceber que sentir medo não impediu que sentisse curiosidade de saber o que estava acontecendo.

De fato aquelas “engenhocas” causavam espanto. Sobre a construção de Brasília, Aragão (1994) cita que na visão de velhos habitantes sobre as negociações em torno das desapropriações, pronunciava para muitos deles o “fim do mundo” que ocorreria com a mudança de antigos padrões pelos novos.

Com as transformações ocorridas no Planalto Central, sobretudo, depois da “chegada” de Brasília e dos planos governamentais de ocupação do Sertão goiano, as populações locais presenciaram o fim de uma cultura sertaneja. Segundo Saraiva (2004), na década de 70 a modernidade e a modernização assustava o homem tradicional, aquele que nasceu e sempre viveu no Sertão-Cerrado e que assiste passivamente o seu ambiente ser modificado.

Dona Selma Conta que naquela época, tinha medo do que estava acontecendo, aquelas máquinas que “ela nem sonhava que existia”, pois, não conhecia carro, leva a crer que quando ia para Formosa, em charretes, devia ser bem pequena, pois, não se lembra de ter visto carro. Nunca tinha visto um trator, só conhecia cavalo e charrete, que eram o meio de transporte daquele lugar.

A chegada do programa em 1977 trouxe medos e desejos. Medo do que não entendia como ver uma máquina voar e ao mesmo tempo desejo de poder voar, naquela “geringonça”. Ainda hoje, não entende como uma máquina tão grande pode voar como pássaros que são tão pequenos, e sumir tão rápido das “vistas”. Já havia visto bicicleta com uns e outros, aqui e acolá, e tinha, naquela época, o desejo de subir naquela coisa de duas rodas, que não caía nem para um lado, nem para o outro e que “cortava mundo” rapidinho. Com 31 anos, era esse o seu desejo, possuir uma bicicleta. É o impacto cultural dos preceitos modernos.

Passava noites acordada, pensando no que estava acontecendo, o que de fato representava aquela mudança, seria bom ou ruim, sua vida seria melhor? Seria mais fácil trabalhar usando máquinas para fazer o trabalho, que precisaria de muitos homens com enxadas para executar. Notou que o trabalho que levaria muitos dias, para ser feito, era feito em um ou dois dias. Para ela tudo parecia estranho, inclusive a roupa que os “homens do governo” vestiam e o modo estranho de falar, não dava para entender tudo o que eles diziam.

E quando se dava conta, estava observando as novidades, como uma criança que vê um brinquedo novo.

3.4 O processo de desapropriação: Ocupação e degradação do solo

Muito se perdeu com a chegada do Governo para desapropriar as terras, até então pertencente aos sertanejos. Não foi só a terra que eles perderam, perderam também as relações sociais e culturais que levaram séculos para se formar, como o sentimento de pertencimento ao lugar. A certeza de houve uma perda da posse das terras estão descritas no relato da Dona Selma, a seguir.

Aquela terra toda era do compadre Célio [...] O povo era todo bobo não tinha estudo, não conhecia a cidade, não conhecia nada, não sabia o que era benfeitoria. O Governo chegou bateu o pé e todo mundo correu, mas, as terras ficaram para outros [...] essas terra daqui até Cristalina era tudo dos meus tios.

De acordo com o relato, é possível perceber que o fato de não terem estudo, pode ter sido a razão, pela qual os sertanejos saíram de suas terras sem questionar. Nas entrevistas não há relato de como os sertanejos tinham acesso aos noticiários da região e fora dela.

Os sertanejos se sentiam parte integrante do local. Eles viviam ali, fizeram suas casas, construíram suas famílias, era naquele pedaço de terra que viram seus filhos nascer. Era embaixo daquelas árvores que “proseavam” todos os dias no fim da tarde, depois de um dia árduo de trabalho, com seu pai, sua mãe, irmão e amigos. Ali, escutavam histórias dos mais velhos. Foi em algum lugar daquele quintal que ficaram sabendo que um dia o mundo ia acabar. Naquele espaço, desenvolveram um convívio cultural.

A ação do Governo em busca de modernização não levou em consideração os valores individuais e coletivos das pessoas que já habitavam a região. Não levou em consideração a luta pela sobrevivência, o modo de vida, a cultura local, os valores sociais que foram se criando com o passar do tempo, e é o que podemos constatar nesse relato da Dona Selma, que se segue.

Nós escutamos que o Governo dizia que ia desapropriar as pessoas, mas só para os grandes, os fazendeiros que diziam que eram donos daquelas terras. Para os pequenos que não conseguiram provar que eram donos da terra, o Governo deu um lote pra um e pra outro. Os que ganharam chácara continuaram trabalhando sem dinheiro e os que ganharam lote, se conformaram sem saber o que estavam fazendo.

Hoje em dia se fala de invasão, só que naquela época, a terra era dada para os outros pelo governo. Só que pra nós era uma invasão das terras que nós tínhamos

No relato, quando diz que os que ganharam chácara continuaram trabalhando sem dinheiro, mostra como os sertanejos viviam. Se até então, eles colhiam frutos do Cerrado para ajudar na alimentação, com uma área delimitada, a quantidade de espécies diminuiu, o que leva a crer que as dificuldades aumentaram. Segundo Aragão (1994), a chegada de novas tecnologias causou um impacto na formação tradicional da sociedade local em curto prazo e assentou um “golpe de misericórdia” na formação social tradicional.

O conhecimento passado de uma geração para a outra, o trato com a terra, o modo cuidar da criação, os remédios tirados da natureza para aliviar as suas dores, o modo típico de andar, de falar e de calar, tudo foi se perdendo com a morte dos mais velhos. Perderam-se os saberes e as crenças. Na leitura de Saraiva (2004), não há como fugir das perdas irreparáveis e as alterações ocorridas no ecossistema, que conseqüentemente, levam a perda do saber.

Quando Dona Selma diz que a família foi se acabando, os mais velhos foram morrendo, e que restou pouca coisa da família, reforça que com a morte dos mais velhos, o conhecimento se perdeu. Ribeiro (2005) traz esse entendimento quando faz um questionamento a respeito de como a ciência, da época, propunha-se a revisar as crenças populares sobre o uso dos recursos naturais.

Para a implantação do Programa, com a modernidade e a tecnologia, buscou-se o progresso, porém, com grande contribuição para um processo de degradação da área. Hoje Dona Selma não vê mais o jatobá do cerrado nem a mangaba. Os animais buscaram abrigo em outras regiões, muitas das nascentes secaram. Para dona Selma, causava muita dor ver as máquinas arrancando e desmatando tudo.

Dona Conceição conta que quando chegou à região, o Cerrado já tinha caído, segundo o relato que se segue.

Quando eu cheguei, aqui, não tinha um pé de pau. Onde tinha gaúcho não ficava um pé de pau em pé. Era impressionante. Depois, com o tempo, surgiram alguns pés de eucalipto, que foram plantados aqui e acolá, por uns e outros, e hoje a gente consegue ver algumas árvores.

Quando os migrantes, na sua maioria, gaúchos, receberam a terra, contrataram os serviços do governo, para “limpar” a área onde seria feito o plantio. Quando dona Conceição

se refere aos gaúchos, significa que ela não conhecia todos os ocupantes das áreas de agricultura, pois, nem todos eram gaúchos.

3.5 Do sul do país ao Planalto Central

Dona Marilena conta que veio para o Planalto Central em busca de terras para manter os filhos próximos dela. Como seu desejo era compartilhado pelo marido, eles passaram a buscar terras em outras regiões. As razões que trouxeram a família para o Planalto Central é relatado por Dona Marilena a seguir.

Decidimos vir para um lugar que eu nem conhecia, porque era a oportunidade de ter meus filhos trabalhando juntos de nós. Graças a Deus conseguimos. Meu marido veio primeiro e depois eu vim com os filhos, Marcelo, meu filho mais novo tinha só seis aninhos.

Pode-se interpretar nessa enunciação o conceito apresentado por Dona Marilena, como um local a ser conquistado e dominado e que vários fatores podem ter influenciado na decisão de vir para o Planalto Central, como o fato de não haver terra suficiente na região onde moravam para a realização do sonho, ou o valor da terra ser muito alto, ou a vontade de conhecer outros lugares, entre outros.

O marido da Dona Marilena foi para Silvânia com o propósito de comprar terras, e como estava próximo de Brasília, resolveu conhecer a capital do Brasil. Em contato com outro gaúcho, foi informado sobre a distribuição de áreas para o plantio no DF, e que essas áreas já estavam divididas. O senhor Pedro Dantas então Secretário da Agricultura, do DF, marcou uma reunião, e o esposo da Dona Marilena foi à reunião. Em um contato com o secretário, depois de expor seu desejo de conseguir uma área para plantar, recebeu uma área no PAD/DF. O Governo, ali representado pelo secretário, estipulou um prazo de 15 dias para que ele tomasse posse. É possível observar que não houve um critério mais rigoroso para a concessão da terra.

Todo o processo de ocupação das áreas ocorreu de forma muito rápida, pois, o que se pretendia era o cumprimento das metas. Sobre essa forma de progresso, Leonardi (1996) cita que:

A presença de um progresso linear, exclusivamente material, sempre presente na história, não se verificou nessas regiões do Brasil, onde a desigualdade de ritmos tornou o processo histórico muito mais complexo, cheio de crescimentos e descensos, e com o passar do tempo desbaratando formas de vida que a ilusão dos homens já considerava como definitivamente adquiridas. (LEONARDI, 1996, p.317)

Observa-se que o processo histórico mais complexo, cheio de crescimentos e descensos, retrata a forma como se deu a ocupação, de forma acelerada da área do PAD/DF.

3.6 Em busca de um novo começo: A descoberta de um paraíso no Cerrado

Com a fundação de Brasília, pessoas de várias regiões do país, migraram para o planalto Central em busca de oportunidades. Foi o caso de Dona Conceição quando veio com o marido e filhos, de Minas Gerais, para começar uma vida nova na tão desejada capital do País, Brasília. Comprar uma chácara e depois uma fazenda, no PAD/DF, comprova que ainda havia terras disponíveis na região, conforme relato de Dona Conceição:

Quando chegamos, fiquei preocupada, pois, não sabia como iria ser nossa vida aqui no Cerrado. Ao chegarmos, meu marido montou um restaurante em Brasília, onde ficamos morando, para que nossos filhos estudassem. Com o tempo compramos um pedaço de terra na região do PAD/DF e depois adquirimos esta fazenda. Aqui só tinha um boteco onde nós passávamos para comprar biscoito para o caseiro. Aqui não tinha nem energia elétrica. Quando conseguimos a energia elétrica para a região, começou a chegar novos moradores, uns compraram a terra e outros invadiram. Hoje eu digo que não fui eu que conquistei o Cerrado, foi o Cerrado quem me conquistou.

Com a chegada de outros moradores, formou-se um núcleo social. Segundo Pádua (2010), a partir do momento em que as sociedades humanas se territorializaram e construíram seus ambientes em espaços concretos, em lugares de grande diversidade física e biológica, surgiram práticas materiais e percepções culturais referentes ao mundo natural.

Segundo Dona Conceição, com o tempo passou a gostar da roça, a amar e a proteger toda a biodiversidade local. A presença de veados, na fazenda, confirma que na região do PAD/DF, há áreas de vegetação nativa, mas, falta um corredor ecológico, pois os veados quando se deslocam de uma área para outra, atravessam a fazenda e podem ser vistos. É o que se constata no relato de Dona Conceição.

Aqui tem veados. Nós podíamos tirar foto desses bichinhos, são tão bonitos. Eu não deixo mexer nas matas, porque os bichinhos atravessam dentro da fazenda e vão

para o capão de mato que tem lá do outro lado. Eles vão de um lado para o outro, porque aqui eles têm confiança, estão seguros. Na fazenda não tem veneno nem na horta, nem no milho, em nada que nós plantamos tudo nosso aqui é natural.

3.7 A luta pela adaptação

Por se tratar de um Cerrado, até então, distante, os migrantes se depararam com uma realidade diferente daquela dos centros urbanos, enquanto que a sertaneja, por sua vez, não conhecia nada da modernidade.

Dona Marilena relembra que passou um ano morando em um barraco e que não tinha luz. Buscava água em uma fonte pra lavar roupa, fazer comida, lavar a louça e tomar banho. A rusticidade das condições é relatada por Dona Marilena no trecho a seguir.

Quando chegamos, aqui não tinha luz e nem água. A gente pegava água na fonte, e com o passar do tempo nós fizemos uma cisterna de onde a gente tirava água com o uso de uma manivela. Era muito difícil, dava muito trabalho pegar a água na cisterna e carregar para fazer as coisas da casa.

De acordo com o relato de dona Marilena, percebe-se que na região havia água, pois, quando se fala da fonte, está se referindo à nascente.

Viveram assim durante um ano e depois começaram a construção da casa nova. Ela cuidava da casa no período da manhã, à tarde ia para a lavoura e à noite trabalhava com o filho, arando a terra, até meia noite. Segundo relata Dona Marilena, eles tinham uma meta a cumprir, havia uma contrapartida a ser cumprida pelos migrantes que receberam a área do Governo. É o que podemos observar no trecho seguinte.

“Quando nós recebemos a área, a exigência do Governo é que a gente teria que plantar 150 ha. Naquela época a gente tinha apenas um trator e uma grade, por isso, todos tínhamos que trabalhar na roça até altas horas, e preparar o solo para plantar soja.”

Segundo Aragão (1994) “Nesse mesmo latossolo [...] degradado pelas queimadas centenárias, vinham agora viver os primeiros campos de soja, arroz e de milho”. Para cumprir o prazo estabelecido pelo governo, Dona Marilena precisou ajudar na lavoura, bem como o filho mais velho.

Já Dona Conceição, quando ela se mudou, para a região, fundou uma associação e uma das primeiras providências, foi pleitear junto ao Governo energia elétrica para a região. A felicidade causada pela chegada da energia elétrica é relatada por Dona Conceição.

O povo chorava de alegria com a chegada da energia. Lembro que muita gente levou o prato de comida para fora e jantou debaixo do poste de luz. Era muita alegria. Fizeram uma festa, ficavam proseando até tarde. Devia ser o medo de que a luz fosse embora e não voltasse mais. Tinham que aproveitar aquele momento. Fiquei doze anos cuidando desse povo.

Supõe-se que as pessoas que se mudaram naquela época para a região, não estavam familiarizadas com as comodidades da área urbana.

Quando o Governo começou a distribuir as chácaras para os pequenos, Dona Selma relata que se sentiu marginalizada, porque os representantes governamentais achavam que mulheres sem marido e com filhos não podiam possuir terra.

Os homens do governo vieram falar com a gente que eles precisavam trabalhar nas terras que nós estávamos, e por isso, nós tínhamos que arranjar outro lugar para morar. Tivemos que pegar o pouco que a gente tinha e saí. Fomos para uma “tapera” onde os homens descansavam durante o trabalho. Aí, saiu o loteamento para os pequenos. Fui pedir um pedaço de terra para eu ficar com meus filhos. Mas, só, que quando eu falava com eles, eles diziam que a pessoa solteira, que não tinha marido, não podia ganhar terra. Os filhos não contavam e eu tinha 5 filhos. Eles diziam que eu tinha muitos meninos e não ia dar conta de tocar a terra. Então eu decidi que ia sentar lá, junto deles e que ia levar meus filhos para ficar comigo. Aí eles iam me dar a terra. Fiquei lá quase o dia inteiro, então eles decidiram me ajeitar a terra.

Dona Selma em algum momento da entrevista cita o fato de não entender o porquê não poder criar animais e plantar, segundo ela, se plantasse não podia criar e se criasse não podia plantar, o que constata que o Governo também tinha uma meta estabelecida para os sertanejos que estavam recebendo as chácaras de 7 ha.

3.8 Rupturas do cotidiano: Festas, Boiadeiros e Ciganos

As tradições culturais dos sertanejos de Goiás são marcadas por festas e encontros religiosos. Dona Selma relembra os momentos felizes que a ajudaram esquecer e aliviar as dores da labuta do dia-a-dia, pois, segundo ela, naquela época, tinham muitas festas, o povo

rezava muito, rezava dia 13, rezava dia 8 rezava dia 4, dia de Santa Barbara, rezava no dia 25, que era dia de natal. Segundo Leonardi (1996), o fato dos sertanejos viverem isolados no Sertão, não significa, necessariamente, que viviam aborrecidos e entediados.

“As festas de antigamente não eram iguais às que se vê hoje em dia”, diz Dona Selma. Para a preparação das festas, passavam dias fazendo biscoitos, doces e muita comida, que era levada para a casa da pessoa que tinha devoção pelo Santo. Todos que tinham devoção por tal Santo, moradores ou não da região, acompanhavam a reza naquela casa. Depois da reza, aconteciam os bailes. Lembra-se de ter dançado muito, e fica triste ao dizer que hoje já não existe mais isso. Como os sertanejos e os convidados de outras regiões, se juntavam para preparar a farinha e a comida, leva a crer que todo o processo era feito em forma de mutirão, como relata Dona Selma.

Naquela época, tinha muita festa, lembro que a gente passava, dias fazendo comida para o povo que participava das rezas. A gente juntava, aquele mundo de gente e todo mundo ia fazer farinha pra depois fazer biscoito. A gente fazia muito biscoito e muito doce. No dia da reza, todo mundo comia muito, a gente podia comer muito, mas o bom mesmo era depois da reza, que a gente ia dançar. Tinha violeiro. Era muito bom. Hoje não tem mais essas coisas.

Percebe-se que para fazer a farinha eles produziam em forma mutirão.

Segundo Aragão (1996) o pequeno excedente de produção dava ênfase no fazer de festas. De dia faziam farinha e de noite iam para as festas dançar. Tinha sanfona e violão, eles cantavam e dançavam até meia noite. Depois iam para casa dormir, ansiosos por mais um dia de trabalho e de diversão.

Dona Marilena também guarda boas lembranças, pois participou das festas da redondeza. Era no Capão Seco, uma comunidade do PAD/DF onde o proprietário fazia a festa do Divino. Seguiam a tradição, com muito ritual e faziam a ladainha (reza do rosário). Ela achava tudo muito bonito porque eles iam até as famílias, de casa em casa, levando o Santo e rezando. Havia muita devoção. Segundo Aragão (1996) as festas rurais dão sustentação ao fundo religioso. Dona Marilena relata como eram as rezas, a seguir.

Era muito bonito, eles tinham muita devoção, rezavam e cantavam louvando a Deus. eles rezavam tudo misturado, umas frases em português e outras em latim, não dava para entender direito, mas era bonito ver toda aquela gente reunida rezando e louvando. Todos acompanhavam a reza.

Naquela época passavam os ciganos e os boiadeiros pela região. Dona Selma relata a seguir, como se dava a passagem dos ciganos, na redondeza.

Às vezes passavam por aqui os ciganos. Eles entravam nas casas para benzer o povo. Enquanto uns benziam a casa e os moradores da casa, os outros roubavam galinha, mandioca, tudo o que encontravam no quintal. Deixavam os cavalos doentes e levavam os cavalos bons.

Entende-se deste enunciado que a passagem dos ciganos pela região representava perdas para os sertanejos.

Na região do PAD/DF existe um local conhecido como Barreiro, que costumava ser ponto de boiada (lugar onde os boiadeiros paravam com o rebanho para descansar). Todos os anos, no mês de julho eles chegavam. Mesmo conhecendo os hábitos dos ciganos e boiadeiros, Dona Selma nunca deixou de hospedá-los. Segundo Leonardi (1996) o brasileiro interiorano era um bom anfitrião, tratava bem os hóspedes, não humilhava os estrangeiros e mesmo sendo desconfiado e de poucas palavras não é hostil, o sertanejo conserva os bons hábitos que se perderam nas cidades.

3.9 Os papéis sociais nesse processo

As terras do PAD/DF antes da desapropriação eram fazendas que pertenciam ao Estado de Goiás. Dona Selma lembra que as terras do PAD/DF tinham muito donos, eram terras de grandes fazendeiros que moravam lá e davam “servicinho” para os sertanejos trabalhar plantando e cuidando do gado. Segundo dona Selma:

Aqui tinha fazendeiro grande. Para fazer o trabalho na fazenda, eles contratavam os pequenos para trabalhar, mas era “servicinho”, o pequeno ia lá, trabalhava o dia todo e ganhava quase nada. Pra gente era tudo mais difícil, parece que tinha que ser mais difícil.

Pode ser caracterizado nesse trecho, o uso da mão-de-obra barata.

Segundo a mesma depoente, com a chegada dos colonos, os moradores locais já não podiam criar os animais e plantar, ao mesmo tempo, era preciso optar por um ou por outro. Quem decidisse pela criação só podia trabalhar com criação e quem decidisse por plantação só poderia mexer com plantação. Aqueles que possuíam animais como: galinha, porco e

vacas, foram “dispondo” para comer. Ainda hoje, ela não entende porque não podiam vender os animais.

Ela também relata que o que acontecia era preconceito, tinha a sensação de que para eles (sertanejos) tudo era mais difícil. Ninguém perguntava nada, apenas impunham o que deveria ser feito e eles tinham que fazer, mesmo sem entender. Os sertanejos não se envolviam com os colonos, era cada um para seu canto. Os grandes mandavam e os pequenos obedeciam. Não havia uma relação de amizade, cada um no seu “canto”. Chegavam, faziam seu trabalho e iam embora, sem nenhum contato. A falta de um relacionamento com os imigrantes é lembrada por Dona Selma no trecho a seguir.

Os pequenos trabalhavam nas fazendas, plantando. A gente chegava bem cedo, cuidava da plantação e ia embora, só via os fazendeiros e o povo que veio pra cá, de longe. A gente não tinha contato com eles, não conversava com eles, não sabia o nome deles, só sabia que eram eles quem mandavam.

No relato acima, pode-se observar um distanciamento entre os sertanejos e os migrantes que receberam a terra para cultivar.

Dona Selma diz que só os filhos de fazendeiros e alguns homens tinham o “direito” de estudar, e que os “pequenos”, as mulheres e os pobres não tinham esse direito. Seus filhos não podiam estudar. Na região muitos não sabiam ler. As mulheres e os pobres não votavam, só passaram a votar com a mudança na lei, na Constituição Federal de 1988.

Já dona Marilena diz, que o secretário Pedro Dantas marcou uma reunião com o secretário de educação e os migrantes gaúchos, para conseguirem escola para seus os filhos. Assim, conseguiram escola, e melhor que isso, todos para um mesmo período, o que facilitou e muito a ida e volta para o colégio. Para o deslocamento dos filhos, as famílias contrataram uma pessoa da região, que tinha uma Kombi e que fazia o transporte de ida e volta à escola. Quando o contrato se encerrou, eles passaram a levar os filhos para a escola, de ônibus, às vezes faziam até duas viagens por dia.

Nós juntamos e contratamos uma Kombi, de um morador local, para levar e pegar os filhos na escola, eles estudavam em Brasília. Quando encerrou o contrato, o dono da Kombi não quis mais e aí nós levávamos os filhos, de ônibus. Às vezes eu ia até duas vezes pra cidade.

Do relato, deduz-se que proporcionar o estudo para os filhos era importante para os migrantes gaúchos. Eles não mediram esforços para conseguir e possibilitar o acesso de todos os filhos à escola.

Para a Dona Marilena, o relacionamento com os moradores locais, que estavam próximos deles, era bom, pelo menos com aquele que tinham contato. Faziam visitas e trocavam experiências. Lembra-se que certa vez, ao voltar de uma viagem do Rio Grande do Sul, trouxe mudas de batata doce para um senhor que trabalhava nas suas terras. E a senhora que ajudava nas tarefas da casa, expressou a satisfação de tê-la conhecido, pois, segundo ela, sua vida havia melhorado muito, aprendera a fazer pratos que ele não sabia.

Conta Dona Conceição, que ela travou uma luta com a burocracia para conseguir ajudar o povo. Criou uma associação, e por meio dela, construiu um galpão onde um médico atendia o povo uma vez por mês. Criou os filhos em Brasília para que eles pudessem estudar. Ela diz que nessa vida, sem estudo, a gente não é nada, tudo fica mais difícil. Segundo dona Conceição cita:

Para conseguir energia para o povo dessa região, eu permiti que os homens da companhia de energia ficassem aqui em casa, eles comiam aqui, era o único jeito da gente levar luz para o povo da roça. Quando eu criei a associação, nós construímos um galpão e conseguimos um médico para atender o povo. Ele vinha todo mês. Meus filhos eu criei em Brasília, eles tinham que estudar e aqui não tinha escola.

Pode-se interpretar desse depoimento, que a criação de uma associação, uniu os moradores para conseguir os benefícios do Governo.

3.10 Outra cultura no Cerrado

Uma nova paisagem natural foi construída no PAD/DF. Isso foi fruto de uma história social de relação com a natureza. Os depoimentos seguintes mostram como o mundo natural e social estão relacionados de forma histórica.

Sobre o Cerrado, Dona Marilena aprendeu a conviver, a respeitar e se alimentar dos frutos que hoje encontra em suas terras. Passou a amar e a respeitar o Cerrado que lhe proporcionou realizar seus sonhos. O Cerrado foi a grande escola onde Dona Marilena aprendeu a compartilhar e trocar conhecimentos. A troca de experiência em vários ramos, e em especial, no hábito alimentar é citado por Dona Marilena no trecho a seguir.

Aprendi a usar os frutos do Cerrado na alimentação, no início estranhava um pouco [...] o pequi a gente tinha medo por causa do espinho e começamos a experimentar aos poucos. Nós íamos catar os frutos no Cerrado e começamos a pesquisar. Como tinham muitas pessoas que já moravam aqui, então, a gente ia perguntando o que nós podíamos usar, como preparar, e como se comia.

Dona Marilena diz que os seus filhos estão formados e casados. Ela e o marido compraram terras e deram uma parte para cada filho, que hoje trabalham como os pais na plantação de trigo e feijão, e que amam o Cerrado tanto quanto ela e o marido. Ainda no relato de Dona Marilena, encontramos uma fala que representa o sentimento de apego aos filhos:

É aqui que conseguimos comprar terras para nossos filhos trabalharem e continuarem perto de nós como a gente sempre quis. Essa era a nossa vontade, ter os filhos perto de nós, para que cada um tivesse seu pedaço de terra e pudesse plantar. Foi no Cerrado que realizamos esse nosso sonho.

Podemos perceber a identidade de relação com a terra. Plantar nas terras do Cerrado foi a maneira de manter os filhos próximos dela e do marido. Dona Marilena diz que preserva uma área de mata, dentro de suas terras, onde tem água e que essa é a maneira que encontrou de preservar o Cerrado. Participa de um grupo que ajudou a criar “Mulheres de Gaia”. No início, participava para se manter ocupada e com o passar do tempo, o grupo passou a desenvolver trabalhos sociais. Trabalham fabricando papel da fibra de bananeira e a partir da produção de folhas de papel, desenvolvem produtos, como caixas, porta-guardanapos, flores para decoração, agendas, entre outros. O grupo, também fabrica bolsas de pano, echarpes, e no momento, estão produzindo para uma encomenda, carteiras e bolsas com design Athos Bulcão, um renomado pintor, arquiteto, desenhista, escultor e mosaicista de Brasília.

As representações culturais de relação com o Cerrado estão presentes em suas memórias. Isso pode ser percebido quando Dona Selma diz que o tempo não volta e a perda da cultura passada, hoje dá lugar para uma nova cultura. Ela sente muito ter perdido “seu quintal”. Cerrado que conhecia bem e que dividiu com ela os momentos de intensa alegria e da mesma forma, os momentos de dor e de tristeza. Cerrado que escutou seus lamentos e seus segredos. Sábio Cerrado que mesmo depois das queimadas renascia com árvores floridas e cheias de vida. Isso reforça a compreensão de Pádua (2010) quando diz que “as manifestações culturais não ocorrem isoladas do mundo vivo” (PADUA, 2010, p.96)

Hoje se declara feliz porque tem um pedacinho de terra, onde trabalha com hortaliças. Tudo parece mais fácil, tem mercado, ônibus, posto de saúde, escola para todos e máquinas que facilitam o trabalho dentro de casa e na roça. O fato de todos poderem exercer um trabalho formal e terem o direito de estudar é relatado por Dona Selma, no trecho a seguir.

Antes não havia trabalho e hoje não, hoje todo mundo trabalha, tem jeito de fichar (trabalhar com carteira assinada), todos podem estudar, os homens, as mulheres, os ricos e os pobres. Antes eu não sabia nem o que era escola. As mulheres estão aprendendo, pelo menos nisso, nós passamos na frente.

Para a grande parte da população local, ter uma carteira assinada e estudar, representa uma grande conquista. Dona Conceição cria algumas cabeças de gado de corte, em uma área de pastagem nativa. Ela faz questão de dizer que preserva a vegetação e a fauna do Cerrado, que estão nas áreas da sua fazenda. Mostra com alegria os pés de buriti que estão no quintal e a quantidade de água que brota do solo. Na fazenda há vários frutos do Cerrado, como pequi, cagaita, jatobá e araticum, interagindo com frutos de outras regiões, que foram trazidos para a região por pessoas de outras regiões.

Além de preservar, Dona Conceição também educa as crianças e adultos que entram na fazenda, conscientizando da necessidade de manter a vegetação do Cerrado, garantindo a sobrevivência dos animais que habitam a área e garantindo a sobrevivência das futuras gerações.

4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na História Oficial hegemônica, o PAD/DF é considerado um exemplo de sucesso, pois, cumpriu o objetivo pelo qual foi criado, e atingiu a meta de incorporar o processo produtivo nas áreas rurais do DF. Segundo Ghesti (2012) “O PAD-DF exhibe orgulhosos números que impressionam até mesmo as mais tradicionais regiões agrícolas do mais importante país agrícola do mundo.” (GHESTI, 2012)

Sobre a incorporação do processo produtivo nas áreas rurais, Saraiva (2004) cita:

Na década de 70, as regiões de cerrado transformaram-se na área de maior potencial agrícola do país. A agricultura, especialmente a de soja, passa a dominar a paisagem da última fronteira agrícola disponível das Américas. O Cerrado passa a ser identificado com o “celeiro do Brasil”. (SARAIVA, 2004, p. 83)

A região do PAD/DF foi transformada em área agrícola, para o plantio de grãos, especialmente para o plantio de soja.

No entanto, o programa para ser realizado provocou algumas perdas. Este trabalho mostrou por meio da análise dos relatos das três mulheres, que nem tudo é sucesso. Houve uma perda do “Sertão-Cerrado”. O governo retirou os sertanejos que viviam na região, de forma abrupta. Ocorreu uma mudança na paisagem física, social e cultural. Segundo Saraiva (2004) “São nessas paisagens que se configuram o cotidiano, as experiências, os saberes e as memórias, portanto, não existe espaço que não seja permeado pela cultura” (SARAIVA, 2004, p. 81).

Os sertanejos deixaram para trás toda uma vida. Mesmo que os governantes conseguissem reunir de volta todos aqueles que sobreviveram ao processo de implantação do programa, o “espaço cultural”, já não existe mais. A árvore que foi palco de vários acontecimentos importantes na vida dos sertanejos, que ali habitavam, foi arrancada pela raiz. O “quintal” onde muitas histórias foram contadas e passadas de pai para filho, virou grão. Com a retirada da vegetação natural, ocorreu a perda da biodiversidade local. Muitas espécies desapareceram, causando uma perda socioambiental, pois a relação do homem com a natureza, também, foi rompida. A memória do sertanejo foi apagada. Ainda, segundo Saraiva (2004) “A natureza também é um lugar de memória” (SARAIVA, 2004, p. 81). Hoje, a paisagem modificada, do PAD/DF, contribui para a perda do Cerrado no DF, onde restam apenas 15% da cobertura original do bioma Cerrado (EMATER – PAD/DF, 2013) e muitas

destas áreas só continuam preservadas porque são áreas de mata ciliar ou categorias de Unidades de Conservação.

A pesquisa constatou que o uso das terras para a agricultura intensiva contribui para uma mudança ambiental, tendo como consequência a modificação da paisagem do Cerrado, com perda da biodiversidade e da cultura sertaneja do DF. A partir das histórias relatadas, observou-se que as mudanças físicas que ocorreram na região do PAD/DF não aconteceram gradativamente como um processo natural. Foi um processo acelerado de modificação da natureza.

A pesquisa também constatou que as mudanças ambientais que ocorreram na região afetaram a vida e a história de pessoas, causando uma perda cultural e a desestruturação das relações socioambientais da localidade.

O resultado aponta a importância da memória das mulheres entrevistadas na construção da História Ambiental do assentamento e que as mesmas possuem uma relação com o “Sertão-Cerrado”, valorizam a terra e compreendem a necessidade de preservar o que resta da vegetação nativa e de toda a biodiversidade local.

Nesse sentido a pesquisa destaca que a História “Triunfal” do progresso agrícola, tão relatado pelos indicadores e visões da agricultura moderna no DF, pode ser questionada a partir de elementos, da História Ambiental, aqui problematizados.

Cabe ressaltar que essa pesquisa contribuiu para aperfeiçoar o relacionamento de trabalho político-social da pesquisadora, enquanto extensionista rural na região. Esta informação confirmou que a História ambiental do PAD/DF não pode ser restrita aos indicadores de sucesso produtivo. É preciso considerar a trajetória dos povos que ali habitavam antes do empreendimento e as relações culturais e socioambientais de cada grupo.

A partir dessa constatação, propõe-se uma continuidade para o estudo, pois o campo de pesquisa é vasto e merece ser explorado. Na região residem várias pessoas que participaram do processo de implantação do programa de assentamento, com memórias riquíssimas, e que podem contribuir para uma melhor compreensão de como ocorreu o processo de construção da História Ambiental do PAD/DF.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Luiz Tarley de. “Ocupação humana no cerrado de Brasília”. In: PINTO, Maria Novaes. **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. Brasília: UnB/ Sematec, 1993.1994, p. 171 – 187

BERTRAN, Paulo. In: **História da terra e do homem no Planalto Central: eco história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador**. Brasília: Verano, 2000, p. 17 – 29

CAMPOS, P. M.; LACERDA, M. P. C.; BILICH, M. R.; PAPA, R. de A.; SILVA, R. A. B. da. Adequabilidade do Uso Agrícola das Terras no Núcleo Rural do PAD/DF. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 15. (SBSR), 2011, Curitiba. **Anais...** São José dos Campos: INPE, 2011. p. 5463-5470. DVD, Internet. ISBN 978-85-17-00056-0 (Internet), 978-85-17-00057-7 (DVD). Disponível em: <<http://urlib.net/3ERPFQTRW/39UFN8H>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. In: **Gênero e Meio Ambiente: Questões Metodológicas e Introdutórias**. São Paulo, 2005, p.35 -42

COOPA-DF. Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal Ltda. **O PAD/DF**. Disponível em: <http://www.coopadf.com.br/padf.php>. Acesso em: 30 jan. 2013.

DUARTE, Regina Horta. In: **História e natureza: Sociedade, natureza e história**. Belo Horizonte, 2005, p. 35 – 73

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL – EMATER-DF, Brasília, 2013.

GHESTI, L. V. **Programa de assentamento dirigido do Distrito Federal – PAD/DF: uma realidade que superou o sonho**. Brasília. 2009. Disponível em: <<http://www.coopadf.com.br/padf.php>>. Acesso em: 24 abril 2013

GODOY, Arilda Schimidt. In: **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, p.57-63; mar/ ag. 1995

LEONARDI, Victor. História e Sertão. In: **Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil**. Brasília: Ed. UnB, Paralelo 15, 1996, p. 307-321.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. In: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1995, p. 20.

MARTINS, Marcos Lobato. In: **História e meio ambiente**: Teoria e Método. São Paulo, 2007, p. 17 -73

PÁDUA, José Augusto. In: **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados, São Paulo, ano 24n. 68, 2010, p 81- 101

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. In: **Florestas Anãs do Sertão**: O Cerrado na História de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2005, p. 345 – 372

RITTER, Paula. “Da favela a Alphaville”: memória de migrantes alagoanos em Jurujuba, Niterói – RJ. In: **História Oral**, v. 16, n. 1, p. 189 – 207, jan./ jun. 2013

SARAIVA, Regina Coelly F. “Sertão, cerrado e identidades”. In: **Cadernos do CEAM**. Vol. 15, Brasília: Universidade de Brasília, 2004, p. 77-88.

SARAIVA, Regina Coelly F. “Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da Chapada dos Veadeiros-Goiás”. In: **História Oral**, v. 1, n. 15, p. 209-229, jan. – jun. 2012.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO E MEIO AMBIENTE - SEDUMA. **Biodiversidade, vida no Cerrado**, Brasília, 2007.

WORSTER, Donald. In: **Para fazer história ambiental**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 101. 4, n. 8. 1991, p. 198-215.

ANEXOS

1. Modelo de Autorização

AUTORIZAÇÃO

EU _____,
AUTORIZO A UTILIZAÇÃO DOS DEPOIMENTOS FILMADOS E FOTOS PARA
FINS DE PESQUISA E PUBLICAÇÃO/ “RELÍQUIAS DO CERRADO”

(Assinatura)

_____, _____ de _____ de _____

2.Roteiro de questões para a entrevista

1. Em que ano chegou?
2. De onde veio?
3. O que o/a motivou a vir ao DF e produzir?
4. Essa expectativa foi atendida?
5. Como era a vida aqui na década em que chegou?
6. Como era a região quando chegou?
7. O que mudou, desde então?
8. E como era o Cerrado? Tinha muitas florestas e animais?
9. Já conhecia o Cerrado antes de vir? O que pensava ou achava do Cerrado? E hoje como vê o Cerrado?
10. Como fez para converter a floresta em área para a agricultura?
11. Qual era a relação com o governo? Teve apoio?
12. Considera que essa área pode ser chamada como Sertão, por quê?
13. O que mais gosta aqui, e o que menos gosta?
14. Se tivesse que colonizar hoje de novo, o que o faria diferente?
15. Se pudesse voltar a 30 anos atrás, como se relacionaria com o Cerrado.